

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

COLONIALISMO DE DADOS: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DE NICK COULDRY E ULISES MEJIAS

DATA COLONIALISM: AN ANALYSIS OF NICK COULDRY AND ULISES MEJIAS'S APPROACH

Rodrigo Moreno Marques – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Resumo expandido

Resumo: o objetivo deste relato é apresentar uma análise da abordagem do colonialismo de dados proposta por Nick Couldry e Ulises Mejias. Para atingir esse objetivo, foi adotada uma perspectiva fundada na crítica da economia política concebida por Karl Marx e nos princípios metodológicos que lhes são subjacentes. A análise realizada revela algumas fragilidades da tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias. Os autores incorrem em equívoco ao analisar a extração de valor econômico dos dados sem incluir em sua análise justamente os agentes responsáveis pela criação de valor, isto é, os trabalhos humanos em suas formas sociais especificamente capitalistas. Adicionalmente, os autores não distinguem as atividades humanas que criam valor das atividades humanas que estão a serviço da transferência de valor. Diante dessa lacuna, eles acabam por não diferenciar, tanto no plano microeconômico quanto no plano macroeconômico, os agentes que criam riqueza e os agentes que se enriquecem por meio da apropriação de riqueza criada pelos primeiros. Além disso, a solução proposta pelos autores para superar o assim chamado colonialismo de dados incorre em desacertos análogos aos do idealismo iluminista.

Palavras-chave: Colonialismo de dados; capitalismo; economia política; crítica da economia política; marxismo.

Abstract: the paper aims to present an analysis of the data colonialism approach proposed by Nick Couldry and Ulises Mejias. To achieve this, a perspective founded on Karl Marx's critique of political economy and its underlying methodological principles is adopted. The analysis conducted reveals some weaknesses in Couldry and Mejias's data colonialism thesis. The authors make the mistake of analyzing the extraction of economic value from data without including in their analysis the agents responsible for creating value, that is, the specifically capitalist social forms of human labor. Furthermore, the authors fail to distinguish between human activities that create value and human activities responsible for transferring value. Given this gap, they fail to differentiate, at both the microeconomic and macroeconomic levels, between agents who create wealth and those who enrich themselves through the appropriation of wealth created by the former. Furthermore, the solution proposed by the authors to overcome the so-called data colonialism is flawed in misconceptions analogous to those of Enlightenment idealism.

Keywords: Data colonialism; capitalism; political economy; critique of political economy; Marxism.

1 INTRODUÇÃO

O resumo relata investigação que está inserida em uma agenda de pesquisa de longo prazo que emprega as lentes da crítica da economia política para analisar fenômenos contemporâneos que envolvem a informação, a comunicação e a cultura.

O relato tem como objetivo analisar a abordagem do colonialismo de dados proposta por Couldry e Mejias (2019a, 2019b, 2019c, 2021), por meio de uma perspectiva fundada na crítica da economia política e nos princípios metodológicos que lhes são subjacentes (Marques, 2023, 2025; Marx, 2011, 2014, 2017, 2018; Neto, 2006, 2011).

Analisar a referida abordagem de Couldry e Mejias se justifica pelo fato de ela ser uma das mais citadas no debate sobre colonialismo de dados e colonialismo digital, tanto em nível internacional quanto nacional (Avelino, 2023; Cassino *et al.* 2021; Faustino; Lippold, 2023; Lippold; Faustino, 2022).

O resumo está estruturado em cinco seções. Após a introdução, a segunda seção traça um panorama geral das abordagens decoloniais no campo da tecnologia. Em seguida, são apresentados os principais fundamentos da tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias. A seguir, emprego o método da crítica da economia política para confrontar alguns postulados de Couldry e Mejias. A última seção traz uma breve síntese da análise feita e indica possíveis desdobramentos futuros da pesquisa.

2 ABORDAGENS DECOLONIAIS NO CAMPO DA TECNOLOGIA

No campo da tecnologia, a tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias é uma entre diferentes abordagens decoloniais que têm sido propostas, cada uma com suas interpretações específicas.

A expressão colonialismo digital foi adotada pela primeira vez em uma obra ensaística em que Casati (2013) argumenta que o ambiente digital teria se tornado uma ameaça à capacidade humana de leitura. O termo colonialismo de dados foi cunhado por Thatcher *et al.* (2016) para caracterizar o uso de *big data* como uma forma capitalista de expropriação e despossessão. No ano seguinte, Casilli (2017) apontou uma virada decolonial digital em um artigo sobre trabalho em plataformas digitais. O autor criticava a generalização do uso do termo colonialismo, que era indicativo do que ele chamou de armadilha do neocolonialismo, ou seja, o equívoco de assumir que qualquer relação de poder internacional poderia ser tomada como uma dinâmica neocolonial (Casilli, 2017, p. 3945). Couldry e Mejias (2019a) entraram no debate sobre colonialismo de dados no mesmo ano em que Ricaurte (2019)

expôs uma análise decolonial, interseccional e feminista do colonialismo de dados ao abordar a violência epistêmica contra mulheres e indígenas. Naquela ocasião, Kwet (2019) apresentou uma análise decolonial voltada para dados e tecnologia, em que o autor empregou o termo colonialismo digital, caracterizando-o como um desdobramento do imperialismo econômico. Zuboff (2020) descreveu o que ela chamou de capitalismo de vigilância, apresentando-o como um eco da história do colonialismo, mas sem dar a devida atenção aos diferentes efeitos do chamado capitalismo de vigilância nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, conforme acertadamente apontou Martins (2021).

Alguns autores brasileiros também têm tomado parte nesse debate. Cassino, Souza e Silveira (2021) organizaram o livro intitulado *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica da guerra neoliberal*. Avelino (2023) publicou o livro *Colonialismo digital: tecnologias de rastreamento online e a economia informacional*. No mesmo ano, Faustino e Lippold (2023) publicaram o livro *Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana*.

Críticas têm sido apresentadas contra as abordagens do colonialismo de dados. Milan e Treré (2019) empregam a expressão *universalismo de dados* ao apontar o desacerto de abordagens que discutem *Big Data* sem dar a devida atenção ao princípio da historicidade, ou seja, como se esse fenômeno operasse fora da história e de contextos que apresentam especificidades sociopolíticas, culturais e econômicas. Segura e Waisbord (2019) argumentam que os métodos de datificação não são colonialistas por não empregarem violência física brutal, como ocorria no colonialismo histórico. Seto (2023) critica as abordagens decoloniais que empregam uma visão dicotômica ao considerar apenas duas categorias de países (do norte global e do sul global). Essas perspectivas, explica o autor, ignoram o fato de que no chamado sul global há países que são sede de plataformas digitais (a exemplo de *iFood*, *Rappi* e *Mercado Livre*) que constituem um tipo de subimperialismo de dados dentro do bloco dos países pertencentes à periferia do capitalismo.

Esse breve panorama das abordagens decoloniais no campo da tecnologia demonstra como tem sido diversificado e controverso esse debate. Circunscrita em um recorte bem menos amplo, a análise que apresento a seguir tem como objeto a tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias (2021).

3 O COLONIALISMO DE DADOS SEGUNDO NICK COULDRY E ULISES MEJIAS

Couldry e Mejias (2021) apresentam uma síntese da tese do colonialismo de dados por eles adotada que justifica a longa citação a seguir:

As práticas de apropriação e processamento de dados são, em si, um novo e distinto tipo de extração de recursos com significado global. Como tal, representam uma nova fase histórica de colonialismo: um novo modo assimétrico de espoliação por meio de dados, fundamentado em uma persistentemente concepção colonial dos recursos materiais e imateriais do mundo, e dos direitos que supostamente derivam deles. A proposta é que uma nova forma de colonialismo surge não simplesmente quando as coisas são digitalizadas, mas quando aspectos de nossas vidas são convertidos em dados digitais com o propósito de gerar lucro. Daí o termo 'colonialismo de dados', não colonialismo digital. Por oferecer uma teoria geral de extração, não apenas uma geograficamente específica, a tese do colonialismo de dados não se limita a locais históricos específicos que foram objeto de extração colonial. Essa nova apropriação colonial pode ocorrer onde quer que os recursos extraídos estejam situados, ou seja, potencialmente em qualquer lugar (já que a vida humana está em toda parte), mesmo que suas consequências sejam particularmente nocivas onde elas se sobrepõem ao legado do colonialismo histórico (Couldry; Mejias, 2021, p. 10, tradução nossa).

Couldry e Mejias (2021, 2019b) não empregam a expressão colonialismo de dados em sentido metafórico, como fazem Thatcher *et al.* (2016). Eles adotam essa expressão para representar as práticas de *big data* em que o extrativismo colonial é, segundo os autores, uma característica real do capitalismo contemporâneo. Esse tipo de colonialismo contemporâneo representaria um novo estágio do colonialismo que lançaria as bases para novos desenvolvimentos do capitalismo.

De acordo com os autores, o principal ator do colonialismo de dados é designado, coletivamente, de setor de quantificação social. Esse setor é constituído por empresas envolvidas na captura de nossas ações cotidianas para transformá-las em dados quantificáveis que são analisados e usados para gerar lucro (Couldry; Mejias, 2019a, 2019b).

Assim, o colonialismo de dados estaria mudando a sociedade por meio da transformação da vida humana em dados, uma nova forma social abstrata pronta para ser mercantilizada. Os processos envolvidos nessa transformação não seriam as relações de trabalho, mas, sim, novas relações sociais que os autores chamam de relações de dados (*data relations*), ou seja, formas de exploração que se desenvolvem por meio do engajamento das pessoas em plataformas digitais e infraestruturas de processamento de dados. Segundo os autores, esses novos tipos de relações humanas naturalizam e normalizam a extração de dados usados como insumos para criação de valor econômico (Couldry; Mejias, 2019a, 2019b, 2019c). Essas relações de dados, argumentam eles, permitem que o capital se aproprie da vida humana de três maneiras: (i) captura de dados por plataformas de redes sociais para sua

mercantilização e extração de valor; (ii) captura de dados relativos a logísticas envolvidas em todas as atividades humanas, sejam elas voltadas para o lucro ou não; e (iii) rastreamento, por parte dos indivíduos, de suas próprias atividades, seja voluntariamente ou não (Couldry; Mejias, 2019a, p. 341-342). Por meio desse novo tipo de relação social, a vida seria transformada em um recurso aberto à exploração. Em suma, o aspecto singular desse momento histórico seria o fato de a vida humana ser organizada por relações de dados, possibilitando que ela se torne insumo para o capital.

Os autores (2019b) empregam a noção de datificação (*datification*) proposta por Van Dijck (2014) para representar a quantificação do social, que seria o primeiro passo para o colonialismo de dados. A apropriação de recursos levada a cabo por meio da datificação permitiria a apropriação da própria vida humana, ao anexá-la diretamente ao capital como parte de uma reconstrução dos espaços da experiência social.

Para compreender esse fenômeno, Couldry e Mejias (2019b, 2021) propõem a adoção da dupla lente do colonialismo e do capitalismo. Porém, advogam eles que, para apreender como a distribuição desigual de recursos é justificada e legitimada, o melhor conceito a ser empregado não é o de capitalismo, mas, sim, o de colonialidade, conforme estabelecido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992).

Como os dados pessoais não estão naturalmente à disposição para serem capturados, sistemas precisam ser concebidos para sua captura. Assim, alegam os autores, é necessário que essa apropriação de dados seja naturalizada e legitimada por meio de disputas ideológicas. Surge então uma racionalidade que defende que a extração de dados pelas empresas beneficiaria a sociedade, de modo similar à racionalidade que defendia que a humanidade se beneficiaria do colonialismo histórico como se ele fosse um projeto civilizatório (Couldry; Mejias, 2019a, 2019b, 2019c, 2021).

Esse tipo de racionalidade seria similar à apontada por Quijano (1992), ou seja, uma cosmovisão específica de uma etnia particular (a modernidade europeia), entendida como uma racionalidade universal. Nesse sentido, o ponto central da abordagem decolonial é a contínua violência epistêmica, que vigoraria desde o colonialismo histórico, como argumenta Ricourte (2019).

Seguindo essa interpretação, Couldry e Mejias (2021) caracterizam a virada decolonial não apenas como violência física, mas, sobretudo, como uma apropriação de recursos em escala global que está fundada na violência epistêmica. Para os autores, o núcleo do

colonialismo, em sua forma histórica ou contemporânea, seria a racionalidade que naturaliza a violência da apropriação contínua, legitimando-a como necessária para o desenvolvimento humano. Nos termos dos autores:

O colonialismo, em sua forma histórica ou contemporânea, só pode ser enfrentado se atacado em seu núcleo: a racionalidade subjacente que faz com que a violência da apropriação contínua pareça natural, necessária e um aprimoramento do desenvolvimento humano (Couldry; Mejias, 2019a, p. 345).

Tendo esse postulado como referência, os autores argumentam que as lutas decoloniais contra os processos de extração de dados devem ocorrer em duas frentes: enfrentamento das práticas em curso no âmbito da tecnologia e enfrentamento na esfera da racionalidade que legitima a dominação do colonialismo de dados (2021).

Após essa breve exposição da tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias, na próxima seção ela é confrontada com alguns princípios do método da crítica da economia política (Marques, 2023, 2025; Neto, 2006, 2011; Marx, 2011, 2013, 2014, 2017). Esse confronto releva fragilidades e lacunas do pensamento decolonial dos autores em tela.

4 CONTRIBUIÇÕES À CRÍTICA DO COLONIALISMO DE DADOS DE NICK COULDRY E ULISES MEJIAS

Por limitações de espaço, a crítica que ora apresento aborda apenas três fragilidades da tese do colonialismo de dados de Couldry e Mejias (2019a, 2019b, 2019c, 2021).

A primeira fragilidade está na concepção de valor adotada pelos autores. Quando tentam explicar a origem do valor no contexto do colonialismo de dados, Couldry e Mejias negam que o trabalho humano seja o responsável pela criação do valor. Desconsiderando esse fundamento ontológico da sociabilidade humana, os autores se equivocam ao analisar a extração de valor econômico dos dados sem incluir em sua análise justamente o elemento responsável pela criação de valor, isto é, os trabalhos humanos em suas formas sociais especificamente capitalistas (2019a, 2019b, 2019c). Esse grave desacerto é análogo ao de Zuboff (2020) que, apesar de produzir quase oitocentas páginas para caracterizar o chamado capitalismo de vigilância, nada diz sobre o conjunto heterogêneo e complexo de trabalhadores necessários para conceber, operar, atualizar e controlar as plataformas digitais, seus algoritmos e bases de dados. O capitalismo de vigilância retratado por Zuboff apresenta um aspecto surreal: nele parece não existir trabalho humano explorado, apenas decisões de diretores e gerentes.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Uma segunda fragilidade da tese de Couldry e Mejias parece derivar da falta de uma clara distinção entre processos de produção de valor e processos de circulação de valor. Percebe-se que os autores não distinguem dois tipos básicos de empreendimentos capitalistas, isto é, os que efetivamente criam valor e os rentistas, que se apropriam do valor criado pelos primeiros (Marques, 2018, 2023; Marx, 2017; Srnicek, 2016, 2022). Diante dessa lacuna, Couldry e Mejias acabam por não diferenciar, tanto no plano microeconômico quanto no plano macroeconômico, esses dois tipos de agentes.

Como resultado dessas duas fragilidades apontadas, os autores propõem uma abordagem fetichista que, em vez de revelar, oculta as mais relevantes relações sociais aí envolvidas.

Uma terceira fragilidade da perspectiva de Couldry e Mejias, mas não menos importante, refere-se à adoção da proposta de descolonização epistemológica de Quijano (1992) como solução para a superação do colonialismo de dados. Ao supor que esse caminho seria capaz de fundar as bases de uma nova racionalidade, heterogênea, diversa e aberta ao outro, Couldry e Mejias caem nas armadilhas da racionalidade idealista que Marx e Engels denunciaram desde sua juventude (2007). Afinal, as transformações históricas e sociais não são movidas apenas por ideias ou pela razão. Na verdade, as ideias predominantes em cada contexto histórico e regional tendem a ser a expressão da dominação de uma classe sobre outras. Nos termos de Marx e Engels:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (Marx; Engels, 2007, p. 47).

Portanto, encarar a racionalidade como o principal catalisador da emancipação humana representa uma perspectiva idealista, que se assemelha à crença iluminista de que o conhecimento e a razão produziram, por si só, um mundo mais justo, fraterno e livre. Althusser assim sintetizou essa ilusão: "basta denunciar as desrazões para que elas cedam, e dizer a razão para que ela vença" (Althusser, 2015, p. 69).

Couldry e Mejias (2021) corretamente apresentam uma crítica à perspectiva de Zuboff (2020) ao afirmarem que o problema do colonialismo de dados não é, como diagnosticado

pela autora, um problema com um número limitado de capitalistas de vigilância desonestos e nocivos que se desviaram do caminho virtuoso da ética.

Porém, tanto a solução que Couldry e Mejias apresentam, quanto a solução de Zuboff, são prescrições idealistas, ainda que distintas. A autora erra ao colocar socialismo e nazismo no mesmo bojo, não vislumbra a possibilidade de superação da sociabilidade do capital e sequer percebe o caráter intrinsecamente autodestrutivo do capitalismo. De acordo com o idealismo racionalista de Zuboff, para superar os problemas do capitalismo de vigilância, devemos fazer uso da opinião pública para impulsionar realizações morais e políticas, visando a criar um capitalismo digital mais inclusivo e democrático (2020, p. 583-588). Por outro lado, segundo o idealismo de Couldry e Mejias (2021, p. 13), a transformação da racionalidade humana deve dar origem a uma sociabilidade que seja uma alternativa ao capitalismo e ao comunismo. Assim, os autores buscam uma alternativa ao modelo motivado pelo lucro que caracteriza o capitalismo do Vale do Silício e também uma alternativa ao modelo da China, que seria, segundo eles, motivado pelo controle. Percebe-se, portanto, que Couldry e Mejias acabam ignorando o fato de que as plataformas digitais chinesas, como *Alibaba*, *Tencent* e *ByteDance*, também são motivadas pelo lucro, estando também subordinadas à ordem do capital, ainda que o Estado chinês tenha maior capacidade de intervenção sobre elas e sobre os conteúdos que nelas circulam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve texto, foram apresentados alguns aspectos centrais da abordagem do colonialismo de dados proposta por Couldry e Mejias (2019a, 2019b, 2019c, 2021).

Além disso, o emprego do método da crítica da economia política (Marques, 2023, 2025; Netto, 2006, 2011; Marx, 2011, 2013, 2014, 2017) nos permitiu revelar algumas graves fragilidades da perspectiva desses autores decoloniais.

Como desdobramentos futuros da pesquisa em andamento, a análise que foi aqui brevemente apresentada, será estendida e aprofundada. Além disso, é necessário incorporar elementos empíricos de modo a corroborar ou refutar no nível concreto a crítica que aqui foi exposta em um nível abstrato.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

AVELINO, Rodolfo da Silva. **Colonialismo digital**: tecnologias de rastreamento online e a economia informacional. São Paulo: Alameda, 2023.

CASATI, Roberto. **Contro il colonialismo digitale**: istruzione per continuare a leggere. Roma: Laterza, 2013.

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (orgs). **Colonialismo de dados**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019a.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Making data colonialism liveable: how might data's social order be regulated? **Internet Policy Review**, v. 8, n. 2, p. 1-16, 2019b.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019c.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. The decolonial turn in data and technology research: what is at stake and where is it heading? **Information, Communication & Society**, v. 24, n. 4, p. 786-802, 2021.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. Colonialismo digital, racismo e a acumulação primitiva de dados. **Germinal - Marxismo e Educação em Debate**, v. 14, n. 2, p. 56-78, 2022.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Ilusões da razão idealista: os limites da competência em informação como instrumento para mitigar o fenômeno social da desinformação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 18, p. 1-23, 2025.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Plataformas digitais: uma análise sob as lentes da crítica da economia política. **Trabalho & Educação**, v. 32, p. 127-150, 2023.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do marxismo. **Trabalho & Educação**, v. 27, p. 111-130, 2018.

MARTINS, Helena. Vigilância no capitalismo contemporâneo. **E-Compós**, v. 25, p. 1-19, 2021.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital** – Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital** – Livro II. São Paulo: Boitempo, 2014.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MARX, Karl. **O Capital** – Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MILAN, Stefania; TRERÉ, Emiliano. Big data from the south(s): beyond data universalism. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 319–335, 2019.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/razionalidade. **Peru Indígena**. v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RICAURTE, Paula. Data epistemologies, The coloniality of power, and resistance. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 350–365, 2019.

SEGURA, M. S.; WAISBORD, S. Between data capitalism and data citizenship. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 412–419, 2019.

SETO, Kenzo Soares. Subimperialismo de dados: uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 2, p. 165–184, 2023.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2016.

SRNICEK, Nick. Valor, renda e capitalismo de plataforma. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 24, n. 1, p. 2-13, 2022.

THATCHER, Jim; O’Sullivan, David; & Mahmoudi, Dillon. Data colonialism through accumulation by dispossession: New metaphors for daily data. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 34, n. 6, p. 990-1006, 2016.

VAN DIJCK, José. Datificação, dataism and daveillance: Bib Data between scientific paradigm and ideology. **Surveillance & Society**. v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.